

Arqueologia & História

volume nº 60-61 | 2008-2009

Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses



*Materials para
um Livro Branco
da Arqueologia
Portuguesa*



Castelo Belinho (Portimão, Algarve) a mais antiga aldeia do Sudoeste Peninsular (V milénio A.C.)

*Mário Varela Gomes*¹

Abstract

The excavation of an Islamic structure named Castelo Belinho led to the identification of the first Extreme Southwest Iberian Neolithic village. The settlement strategy shows complete sedentariness; located on high ground with some natural defences, from where a vast area of territory could be controlled, surrounded by productive agricultural lands and pastures though not far from the ocean, a distance an individual could travel in a day.

Longhouses, constructed with wodden posts identified by holes in the ground, grain storage pits, cobbled hearths, ritual and funerary pits for inhumation, were the architectural elements found, all presenting a large variety of forms.

¹Vice-presidente da Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses, membro da Academia Portuguesa da História e da Academia Nacional de Belas-Artes. Docente do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa (Av. de Berna, 26C, 1069-061, Lisboa; mv.gomes@fcsh.unl.pt).

O presente texto corresponde à comunicação feita pelo autor à Secção de Pré-História da Associação dos Arqueólogos Portugueses, em 12 de Abril de 2007 e a convite do Doutor António Monge Soares, presidente daquela.

Twelve ¹⁴C analyses indicate a second half of the 5th millennium settlement. The material culture is composed of knapped flint and pecked/polished stone artefacts, pottery and shell adornments.

Castelo Belinho's population was completely neolithized, practising a successful food production economy based on agriculture and animal husbandry, primarily goats but also sheep and cattle.

Significant social differences and hierarchy are especially detected through the house and mortuary pits dimensions or through the commodities placed with the deceased.

Fourteen graves, twelve of them single, some in pits and others in silos, displayed clear ritual polymorphism. Nine of the inhumed bodies were adults and three were children aged between five and eight. It was not possible to ascertain the ages of the others. Three of the adults were males.

Some graves contained evidence of material culture, artifacts of flaked or pecked/polished stone and ceramics, and in one of them, exceptionally, the buried individual wore eleven bracelets made of *Glycymeris bimaculata* (Poli, 1795) on each arm.

1. Um sítio dissimulado

Os testemunhos arqueológicos, estruturas e artefactos considerados como pertencendo a aldeia neolítica jaziam, em grande parte, sob edificação islâmica, actualmente denominada Castelo Belinho. Esta não se encontra mencionada em textos daquele período ou nos referentes à tomada cristã de Silves e de outros castelos das redondezas, ocorrida em 1189 ou na conquista definitiva do Algarve, no reinado de D. Afonso III. Todavia, remonta ao terceiro quartel do século XIII a mais antiga, por ora conhecida, referência ao então Castelo do Ninho, depois do Linho ou Belinho, inserida nas Chancelarias de D. Afonso III (Liv. 1, fl. 131, v. 133). Ali se registou, no ano de 1275, escambo em que o rei cede reguengos ao concelho de Silves, mas reservando para a Coroa os morgados do Castelo do Ninho, Arge e Boina (Botão, 1992, p. 60).

Dois séculos depois, o "Livro do Almoxarifado de Silves" (1474), possivelmente elaborado pelo escrivão Gonçalo Pires e que guarda a Torre do Tombo (A.N.T.T. Núcleo Antigo n° 298), regista nas folhas

41, 41v e 42, aquele local, na descrição intitulada "*Titulo do reguengo do Castello do Njnho d el Rej que foy dado a Joam Pereira e ora o traz Vicente Simooez*". O "logo que chamam Castello do Njnho" era então um dos limites da terra de sementeira de pão, que o lavrador Martim Giraldez explorava (fl. 41v) (Leal, 1989, pp. 72-75).

Auto de demarcação dos reguengos de Boina e Arge, efectuado em 1552, também refere o vizinho reguengo do Castelo do Ninho, então na posse de Fradique Manuel e Maria de Ataíde, sua mulher (Fonseca, 1988, pp. 6, 7, 24).

Contudo, tanto Frei João de São José, autor de "Corografia do Reino do Algarve" (1577), como Henrique Fernandes Sarrão, na sua "História do Reino do Algarve" (ca 1600), não citam o Castelo do Ninho ou o seu reguengo, pelo que podemos deduzir do então seu pouco interesse económico ou histórico (Guerreiro e Magalhães, 1983).

Documento de 1763 alude, no reguengo do Alvor, a casal denominado Castelo do Linho (Fonseca, 1988, p. 6), evidenciando alteração toponímica e permanência humana junto àquela edificação.

Castello Lindo foi outro topónimo do mesmo lugar, ouvido e utilizado por Estácio da Veiga (1910) na "Carta Archeologica do Algarve-Tempos Historicos", empresa cujos trabalhos de campo decorreram até 1889. No "*Catalogo das Plantas dos Edificios Descobertos na Exploração Archeologica do Algarve e dos Desenhos de Varios Monumentos e Mosaicos que Acompanham as mesmas Plantas- 1877 a 1878*", elaborado por aquele arqueólogo pioneiro, surgia, com o n° 14, a "Planta do Castello Lindo", levantada pelo capitão Lacerda, documento que se encontra, infelizmente, desaparecido (Machado, 1970, p. 340).

Outra figura tutelar da Arqueologia nacional, José Leite de Vasconcellos, visitou a zona que temos vindo a referir em 1894, tendo recolhido ditado popular onde se chama Castelo Ventoso ao então denominado Castelo do Linho, que diz encontrar-se "... situado num alto, onde se semeia linho, e aparecem alicerces antigos: fica no «morgado» do Reguengo, a uns 4 kilometros de Alcalar." (Vasconcellos, 1917, p. 130).

Carta onde se identificaram os vestígios arqueológicos do concelho de Portimão, indica o Castelo

Belinho como fortificação ou torre e confere-lhe a classificação genérica de árabe, seguindo, aliás, as indicações de Estácio da Veiga (Marques, 1986, p. 58).

Existem, ainda, pequenas referências ao Castelo Belinho, em obras de síntese sobre as fortificações ou o património islâmico do Algarve (Gomes, 1989, p. 33; Magalhães, 2002, pp. 96, 97). Curiosamente, a “*Carta Arqueológica de Portugal- Concelhos de Portimão, Lagoa, Silves, Albufeira, Loulé e São Brás de Alportel*”, da responsabilidade do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Marques, 1992, p. 37) refere ruínas de “estrutura quadrangular”, que interpreta, embora com dúvidas, apenas como atalaia.

Pequeno artigo de L. F. Oliveira (1999, pp. 39, 40), dedicado ao Castelo Belinho, denomina-o de “fortim”, cuja principal função seria a observação de vasta área circundante, integrado em estratégia defensiva gizada após a reconquista almoada de Silves, em 1191, propondo-se que tenha sido erguido no primeiro quartel do século XIII. Esta interpretação decorre, principalmente, da conjuntura histórica vivida no período indicado, aliada a parcas informações de carácter arqueológico, nomeadamente às oferecidas pela tipologia arquitectónica das ruínas que se conservam.

O autor antes mencionado, identificou, em visita efectuada ao local, elemento dormente de mó manual, por certo pertencente a episódio cultural bem mais antigo que o concernente à edificação daquela estrutura defensiva (Oliveira, 1999, p. 44, nota 13).

Mais recentemente, foi publicada planta esquemática do Castelo Belinho, atribuindo-se-lhe a função de *hisn*, ou seja de fortificação, com pequenas dimensões, provida de guarnição militar, capaz de controlar importantes vias e territórios, podendo servir de refúgio às populações das alcarias e propriedades agrícolas vizinhas (Gomes, 2002, pp. 122, 123).

Em 1993 o grupo financeiro Espírito Santo adquiriu o Morgado do Reguengo e criou a Imoreguengo, Desenvolvimento e Promoção Imobiliária, S. A., tendo em vista desenvolver projecto turístico de grande qualidade, que incluirá dois golfes, *clubhouse*, lotes para edificação e

dois hotéis. Este empreendimento deveria não só respeitar como conservar e valorizar o património cultural existente na propriedade mencionada, pelo que foi gizado vasto programa, tendo em vista implementar tal decisão, coordenado pelo Dr. Carlos Damas, director do Centro de Estudos de História do Banco Espírito Santo, no qual os trabalhos arqueológicos por nós co-dirigidos se inseriram, dado que foram efectuados em colaboração com Rosa Varela Gomes, a qual tem a seu cargo o estudo dos testemunhos islâmicos.

Aqueles decorreram, no campo, em 2004 e 2005, possibilitando caracterizar correctamente as funções do espaço edificado cujas ruínas chegaram até nós, que não corresponderia a estrutura com carácter militar, mas antes a residência senhorial, com aspecto de fortificação, integrada em domínio agrícola aristocrático (*al-munya*), como identificar os importantes testemunhos de aldeia neolítica dados a conhecer no presente artigo.

2. Localização e ambiente natural

As ruínas da construção conhecida por Castelo Belinho, sob as quais se identificaram as estruturas e os materiais neolíticos, situam-se a 5 km a norte de Portimão, na vasta propriedade denominada Herdade do Reguengo do Alvor ou Morgado do Reguengo. Ela integra, actualmente, o concelho de Portimão, o distrito de Faro, e pertence à freguesia da Mexilhoeira Grande (Fig. 1).

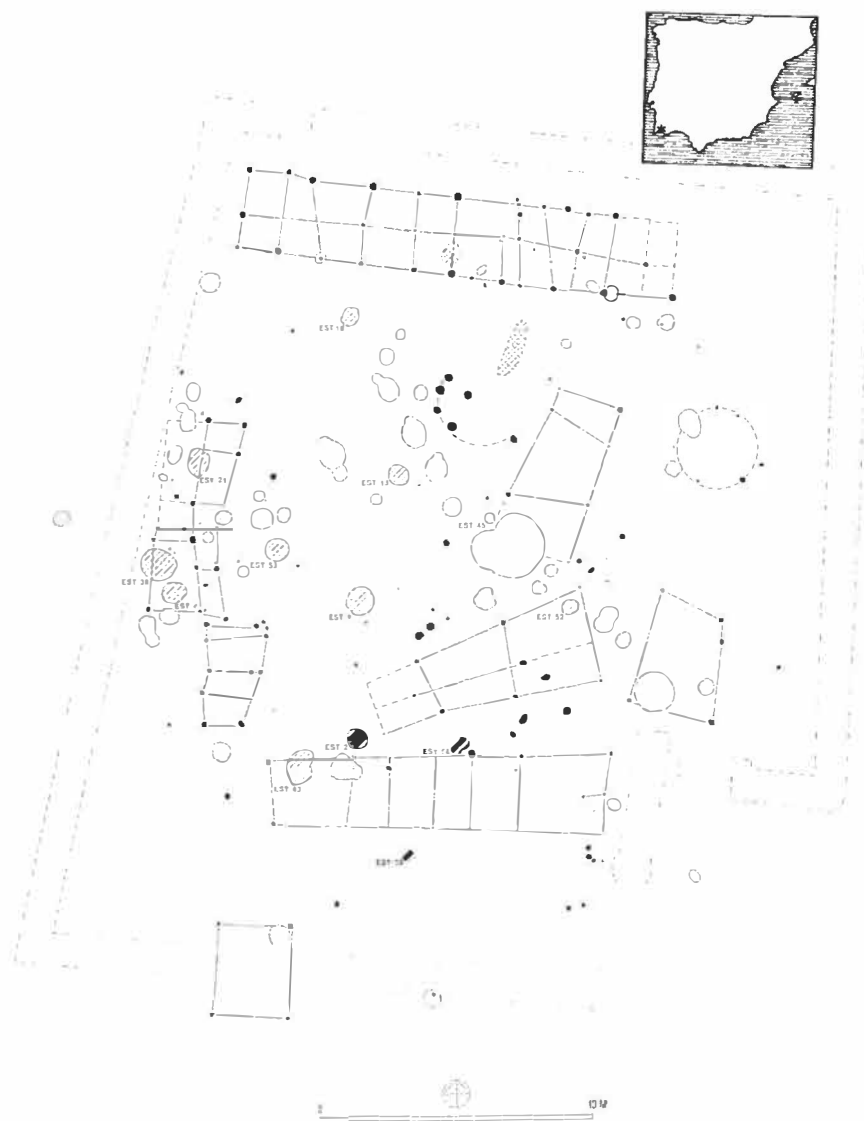
As coordenadas Gauss de ponto central das ruínas islâmicas ali existentes são: W 625 265 (seg. a C.M.P., nº 594, Mexilhoeira Grande, esc.1:25000, S.C.E.P., 1979).

Os vestígios arqueológicos, ocupam a extremidade sul do topo de relevo alongado, atingindo 105 m de altura máxima e onde se instalou o V. G. Castelo Belinho, pertencente aos contrafortes de vertente voltada a sul da serra de Monchique.

A pouco mais de um quilómetro, a nascente do Castelo Belinho, corre a ribeira de Boina, afluente da margem direita do rio Arade, e quase à mesma distância, mas no sentido contrário, a linha de água do Barranco dos Álamos, que cerca de um quilómetro para sul conflui na ribeira da Torre, atingindo esta a ria de Alvor e o Atlântico.

Fig. 1 Localização do Castelo Belinho na Península Ibérica e estruturas neolíticas exumadas

- buracos de poste;
- ◐ empedrados;
- silos e fossas rituais;
- sepulturas de adultos;
- ◌ sepulturas de crianças.



O Castelo Belinho encontra-se hoje a 1,5 km a norte das Casas Grandes, ou seja das enormes instalações agrícolas do século XIX, a que a obra "*Arquitectura Popular em Portugal*" (Martins, Castro e Torres, 1961, pp. 262, 263, 286, 305) faz justa referência, e a idêntica distância do km 58,5 da EN 266, que liga Portimão a Monchique e se situa a nascente.

Dali se abrange vastíssima panorâmica, limitada a norte pela serra de Monchique, onde se descobre o relevo do Castelo de Alferce, perdendo-se o olhar, de nascente para poente, pelos planaltos do Barrocal e do Litoral, alcançando-se, nos limites do horizonte e em dias límpidos, o mar.

O substrato rochoso é formado por calcários e

calcarenitos miocénicos, encontrando-se coberto por terras de forte matriz argilosa, com potência variável. O solo mostra capacidade das classes B e C, correspondendo aos chamados solos mediterrâneos de cor vermelha. Nas proximidades existem solos da classe A, constituídos por barros castanho-avermelhados, de origem calcária, mas também litossolos xisto-grauváquicos da classe E e, portanto, esqueléticos e muito pobres.

O coberto arbustivo actual mostra flora endémica, a par de outra há muito importada e cultivada, reconhecendo-se azinheiras, zambujos, alfarrobeiras, amendoeiras e oliveiras.

Castelo do Ninho, o mais antigo topónimo conhecido para o local que temos vindo a tratar, pode

dever-se não só ao facto daquele ser alto, como por corresponder a sítio onde nidificavam algumas espécies de aves, talvez mesmo cegonhas, como as muitas que tivemos oportunidade de ali observar.

3. Metodologia e meios

A primeira campanha de trabalhos arqueológicos no Castelo Belinho decorreu do dia 5 de Julho de 2004 ao dia 30 do mesmo mês, tendo-se ali regressado, para completar desenhos, no mês seguinte.

A tarefa inicial, tendo em vista a intervenção arqueológica, correspondeu à desmatação da zona, eliminando-se vegetação variada, alguma de médio e, até, de grande porte, embora sempre com o cuidado de não afectar estruturas ou níveis arqueológicos. Fez-se a remoção da vegetação cortada, de muitos blocos de taipa, de diversas dimensões, encontrados espalhados um pouco por toda a área que se pretendia intervencionar, tal como das terras soltas superficiais.

Em seguida, foi implantada, na metade sul do interior da estrutura visível, quadricula, com 2 m de lado e orientada segundo a direcção dos pontos cardeais, de modo a melhor procedermos ao registo tridimensional de estruturas e dos espólios que viessem a surgir durante a escavação. Mantiveram-se em reserva, ao centro daquela área, duas linhas de quadrados, perpendiculares entre si e que serviriam de testemunho, até ao final da intervenção.

Os quadrados da área escavada foram numerados sequencialmente conforme a progressão dos trabalhos, tendo-se registado 74, embora se intervencionassem, apenas, 38, correspondendo a espaço medindo cerca de 152 m², já que alguns, junto às muralhas da edificação islâmica, não se encontravam completos.

Antes de se iniciar a escavação obteve-se levantamento topográfico, provido de cotas absolutas e com curvas de nível equidistantes 0,20 m.

As estruturas identificadas, aéreas ou subterrâneas, foram registadas, através de plantas, cortes ou, quando necessário, alçados.

O espólio exumado foi identificado em relação às camadas arqueológicas ou às estruturas que integrava, nomeadamente a alguns *loci* específicos. Em tal tarefa utilizou-se as iniciais do arqueossítio,

o número do quadrado e a camada ou estrutura, seguido por número de ordem de cada peça, naquele contexto (ex: CAST.BEL./Q10/EST.1-3 ou CAST.BEL./Q6/C3-1).

Todas as terras exumadas foram crivadas, através de crivo manual ou mecânico, ambos com malha não superior a 5 mm. Recolheram-se amostras de terra, nomeadamente das sepulturas e buracos de poste, tendo em vista a pesquisa polínica e antracológica.

Foram desenhados, à escala natural, e descritos, todos os artefactos, ou porções daqueles, líticos, metálicos ou de concha, tal como a totalidade dos fragmentos de cerâmica capazes de nos informarem sobre a forma, ou a decoração, das peças a que pertenciam.

Realizou-se cobertura fotográfica, a preto e branco e em diapositivos coloridos, das diferentes etapas dos trabalhos, das estruturas sucessivamente exumadas e de alguns acervos.

O espólio encontra-se depositado, conforme registado no pedido de autorização para os trabalhos arqueológicos, no Laboratório de Arqueologia da F.C.S.H. da U.N.L.

A segunda campanha de trabalhos no Castelo Belinho decorreu de 13 de Junho de 2005 a 25 de Agosto daquele mesmo ano, embora ali tenhamos voltado para completar a escavação de sepultura e de duas fossas, de Outubro a Dezembro, daquele ano.

Continuou-se a quadricula do ano anterior, de modo a cobrir todo o espaço com ruínas, tendo-se, no total, escavado 185 quadrados, o que corresponde a área medindo cerca de 700 m², dado que alguns dos quadrados não estavam completos.

Todos os trabalhos foram inteiramente suportados pela Imoreguengo, que também resolveu diferentes aspectos logísticos, no que contámos sempre com a pronta disponibilidade do Dr. Carlos Alberto Damas e do Eng^o Pedro Melo.

Na campanha de 2004, tivemos como arqueóloga-assistente, a Dr^a Tânia Casimiro, tendo registado-se a participação nas escavações do Dr. Gonçalo de Carvalho Amaro, Patrícia Carrapiço e dos seguintes alunos do Curso de História – Variante de Arqueologia, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

da Universidade Nova de Lisboa: Ana Rita Trindade, Diogo Paiva, Edgar Valles, Elisabete Conceição, Filipe Nunes, Filipe Salgueiro, Klaus Castro, Maria Catarina Saragoça, Maria Inês Soares, Rui Coelho, Rui Nunes, Susana Severino e Telmo Silva que, sem excepções, cumpriram as tarefas de que foram incumbidos, com zelo e dedicação.

Durante a primeira semana de trabalhos dispusemos da colaboração de dez operários não especializados e durante as três seguintes, em que decorreram as escavações, com cinco daqueles.

Na campanha de 2005 foram arqueólogos-assistentes a Dra Tânia Casimiro e o Dr. Telmo Silva, tendo nela colaborado os seguintes alunos do Curso de História – Variante de Arqueologia, da FC.S.H. da U.N.L.: Alexandra Krus, Pedro Catarino, Rui Pedro, Luís Fernandes, Filipe Salgueiro, Ana Coelho, Vanessa Filipe, José Pedro Henriques e Luís Serrão Gil.

Contámos com a participação diária de entre três a sete operários não especializados. O levantamento e estudo preliminar do espólio antropológico deve-se ao Dr. Luís Campos Paulo.

Os desenhos das estruturas e do espólio são da responsabilidade das Dr.ªs Ana Machado, Cristina Gaspar, Joana Gonçalves e do signatário.

Uma primeira notícia, referindo os testemunhos neolíticos e as conclusões, provisórias, que eles permitiram, foi apresentada ao IX Congresso da UISPP, que reuniu no mês de Setembro de 2006 em Lisboa. Ulteriormente, foi efectuada comunicação em workshop sobre o Neolítico mediterrâneo, realizado em Faro (Nov. 2009), tendo sido publicado texto sobre os aspectos da ritualização funerária detectados (Gomes, 2008; 2010).

4. Estratigrafia

A escavação, no interior do denominado Castelo, de séries seguidas de quadrados, com 2 m de lado, proporcionou longos cortes, dispostos no sentido sul-norte, a partir de sector de muralha situado naquela primeira direcção, dois deles com 14 m de comprimento (Qs 3, 11, 19, 27, 34, 41, 48 e Qs 5, 13, 21, 29, 36, 43, 50).

Ali se reconheceram as seguintes quatro camadas arqueológicas:

C1-A – Constituída por terras superficiais, activas e pouco coesas, com matriz argilosa, de cor castanha (5YR 4/2). Média entre 0,05 m e 0,10 m de espessura. Continha materiais arqueológicos de diferentes idades, desde o Neolítico à Idade Contemporânea, mas principalmente fragmentos de cerâmicas do século XVII;

C1-B Formada por terras mais compactas que as da camada anterior, mostrava matriz argilosa e cor castanha escura (5YR 4/3). Apresentava potência variável, entre 0,20 m e 0,50 m. Embalava sobretudo espólio datável no século XVII;

C1-C – Corresponde a nível de derrubes, incluindo, por vezes, grandes blocos de taipa, de cor branca, que lhe conferem coloração clara. Média entre 0,10 m e 0,30 m de espessura máxima e ofereceu algum espólio islâmico;

C2 – Integra terras com forte matriz argilosa, de cor castanha escura (5YR 4/4). Trata-se de nível correspondendo a ocupação islâmica deste sítio,

Os códigos cromáticos referem-se às Munsell Soil Color Charts (1975) e, por isso, devem entender-se como aproximados.

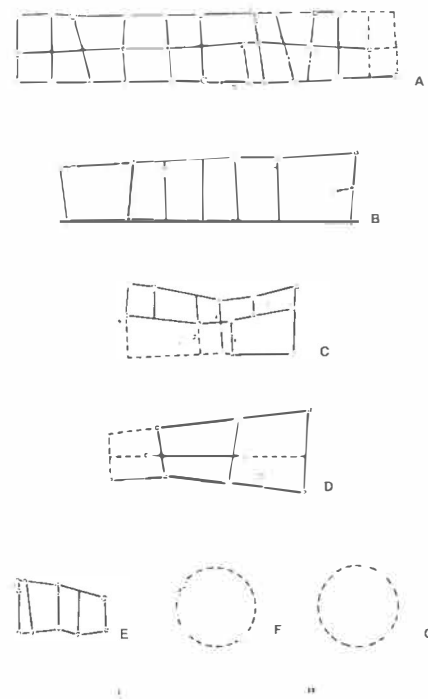


Fig. 2 Reconstituição de estruturas habitacionais do Castelo Belinho, a partir dos buracos de poste. A – Casa 1; B – Casa 3; C – Casa 4; D – Casa 2; E – Casa 5; F – Casa 9; G – Casa 10.

embora ali também se detectem alguns materiais pré-históricos. Media 0,10 m a 0,20 m de altura e assentava tanto no substrato rochoso calcário como na camada seguinte;

C3 – Corresponde a delgado nível de terras, não muito compactas, e aos enchimentos de estruturas neolíticas negativas, escavadas no substrato rochoso. Oferece cor castanha escura (2.5YR 4/4) ou, por vezes, alaranjada (2.5YR 5/8). A sua potência varia, embora nunca fosse superior a 0,30 m.

As observações estratigráficas contam com sequências estratigráficas que demonstram a sobreposição da ocupação do século XVII aos testemunhos islâmicos, tal como o facto de estes cobrirem,

em muitos casos, camada de ocupação ou estruturas neolíticas.

No canto noroeste do interior da estrutura islâmica detectaram-se muro e pavimento, daquele período, associados à “porta da traição” ali existente, que sobrepunham tanto estrato correspondente à ocupação neolítica, como algumas estruturas subterrâneas, designadamente fossa e buracos de poste.

No canto sudeste da fortificação, habitação com dois compartimentos, edificada com alicerces de pedra e as paredes erguidas em taipa, adossada parcialmente ao pano interior da estrutura islâmica, sobrepunha nível contendo espólio daquele último

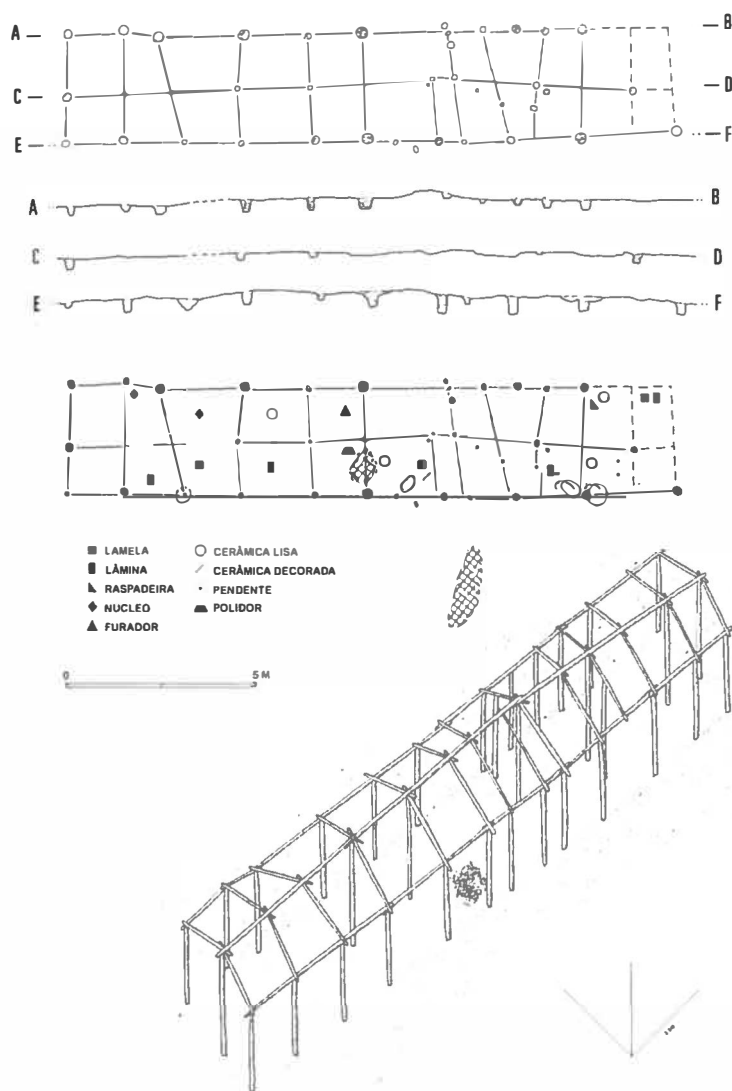


Fig. 3 Castelo Belinho. Casa 1. Alinhamento dos buracos de poste, distribuição do espólio e reconstituição da estrutura de madeira.

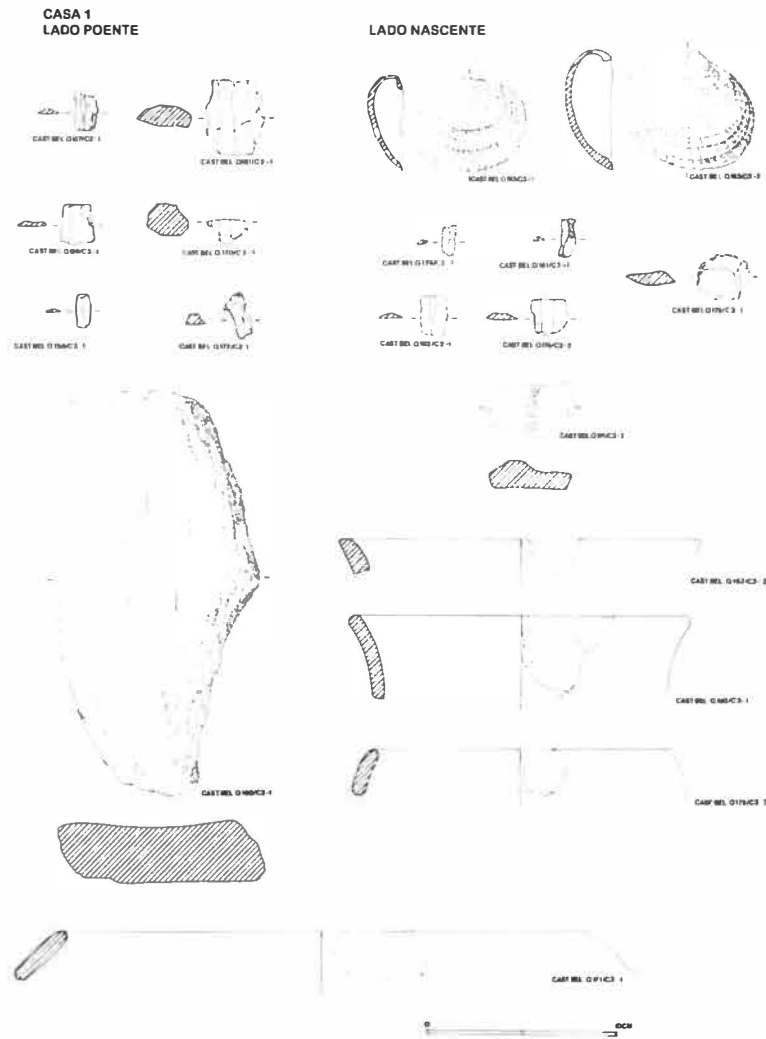


Fig. 4 Castelo Belinho. Espólio da Casa 1 (lado nascente e lado poente).

período e outro, o inferior, neolítico, onde exumamos diverso material e pudemos identificar fossas e buracos de poste.

O patamar que envolve as muralhas do dispositivo islâmico amputou parcialmente algumas estruturas negativas neolíticas, o mesmo acontecendo com o fosso que rodeia aquele e que foi totalmente posto a descoberto.

5. Casas

Quantidade significativa de buracos de poste, abertos no substrato rochoso, alguns ainda conservando cunhas de pedra que ajudaram à melhor fixação dos elementos verticais que aqueles suportavam, permitiram determinar a presença de áreas correspondendo a casas, providas de planta circular, rectangular ou trapezoidal, alongadas e, em al-

guns casos, possuindo cobertura com duas águas (Fig. 2).

Uma de tais estruturas latentes, a melhor conservada (Casa 1), evidenciou três linhas paralelas de buracos de poste e traduz a existência de casa longa, medindo 16 m de comprimento por 3 m de largura, orientada no sentido nascente-poente. Uma das fiadas exteriores de buracos de poste conta com onze de tais elementos e a outra com doze, enquanto a interior, equidistante àquelas, apenas tem sete. As distâncias entre os buracos de poste nos alinhamentos varia, entre 1 m e 2 m. No canto nordeste reconheceu-se reforço da edificação, feito através de murete de pedras ligadas com barro (Fig. 3).

A fiada de postes interior mostra que suportariam fileira de cobertura possuindo duas águas.

Quadro I Principais características das casas detectadas a partir dos buracos de poste (* diâmetro).

	forma	comp. (m)	larg. (m)	área (m2)	c/ 2 águas	nº de habit (5 m2 = 1) h)
Casa 1	rect.	16	3	48	•	10
Casa 2	trap.	8,2	3	11,2	•	2
Casa 3	rect.	12,2	2,8	34,16		7
Casa 4	trap.	7	3	21	•	4
Casa 5	trap.	3,8	2,2	8,36		2
Casa 6	trap.	6	2,8	16,8		3
Casa 7	trap.	4	3	12		2
Casa 8	rect.	3,4	2,8	9,52		2
Casa 9	circ.	3*		7		2
Casa 10	circ.	3*		7		2

Zona, do interior desta casa, correspondendo sensivelmente ao seu centro, onde existiu estrutura de combustão e fossa, pode encontrar-se perto da entrada que seria, muito provavelmente, voltada a sul.

Importa referir a distribuição do espólio exumado no interior desta estrutura habitacional, tendo-se reconhecido, no seu lado nascente, cerâmicas lisas e com decoração plástica, fragmentos, lâminas e lamelas de sílex, assim como dois adornos que utilizam valvas de *Glycymeris glycymeris*, perfuradas no ápice.

No lado poente surgiu pedaço de cerâmica lisa, polidor de grandes machados, como o exumado em fossa (est. 26), dois núcleos esgotados, lamelas, fragmentos de lâminas e de furador, tudo de sílex. Esta diferenciação nos espólios pode significar que um dos lados da casa seria mais utilizado por mulheres, nas suas actividades quotidianas (cerâmicas, adornos), enquanto a outra talvez correspondesse à maior presença de elementos do sexo masculino (polidor de machados, núcleos) (Fig. 4).

Outra casa (Casa 2), disposta no sentido este-nordeste oeste-sudoeste, teria planta de forma trapezoidal, tendo-se identificado os dois alinhamentos de postes exteriores, contando com três e quatro buracos, enquanto no interior se observam apenas dois buracos de poste, que suportariam a fileira. O comprimento desta unidade habitacional atingiria cerca de 8 m e a sua largura seria de 2,6 m.

Mais para sul, das estruturas antes descritas, surgiram dois alinhamentos de buracos de poste, quase orientados no sentido nascente-poente, com, actualmente, seis e quatro elementos, definindo espaço, com 12 m de comprimento por 2,8 m de largura, em cujo interior ainda se observam dois outros buracos de poste (Casa 3).

Uma quarta casa estaria disposta no sentido norte-sul, mostra três fiadas de buracos de poste, embora alguns devam ter desaparecido devido à edificação islâmica. O alinhamento de postes da fachada voltada a nascente conserva seis buracos e o correspondente à fileira outros seis, enquanto na fachada poente se detectaram apenas três. Esta estrutura media 7 m de comprimento e 3 m de largura (Casa 4).

Um pouco mais a sul da unidade referida surgiram dois alinhamentos de buracos de poste, contando quatro e cinco elementos, que definem espaço com planta de forma trapezoidal, medindo 3,6 m de comprimento por 2 m de largura. Não podemos afastar a hipótese de que buraco de poste, detectado no lado poente, indique alinhamento de postes cujas estruturas negativas desapareceram, podendo esta casa ter tido o dobro da largura (Casa 5).

As duas estruturas possuindo planta de forma circular, na tradição das cabanas do Neolítico Antigo Inicial ou Pleno e do Mesolítico, mostram ambas cerca de 3 m de diâmetro. Em uma delas (Casa 9)



Fig. 5 Castelo Belinho. Estrutura 61 (empedrado).

identificaram-se cinco buracos de poste e seis de tais estruturas negativas na outra (Casa 10).

Se considerarmos, partindo da analogia com comunidades etnográficas actuais, possuindo modos de vida e estruturas consideradas afins das neolíticas, cada habitante das casas acima mencionadas necessitaria de cerca de 5 m², podendo-se obter o número daqueles, que utilizariam cada uma de tais unidades, através da área dos seus solos. Para A. Coudart (1998, p. 79), as casas longas danubianas acolheriam um habitante por cada 3 a 9 m², embora aceitando a média de 6 m².

Aquela dimensão foi também alcançada por S. E. Casselberry (1974), mas confinada apenas ao "living space". No entanto, S. F. Cook e R. F. Heizer (1968), propuseram como "living space"; para habitações neolíticas, apenas 3 m², e R. Naroll (1962) considerou a área total em 10 m² para cada habitante.

No Sudoeste da Escandinávia (*South-West Scania*), as aldeias do Neolítico Antigo, dos finais do IV milénio (Funnel-Beaker), ofereceram testemunhos de casas rectangulares, medindo 6 m por 3 m ou 7 m por 4 m, dimensões aproximadas de algumas das estruturas do Castelo Belinho, que acolheriam

cerca de uma dezena de pessoas (Larsson, 1985, pp. 83-85), o que nos parece manifestamente improvável.

Podemos concluir, apesar da disparidade do valor das estimativas apresentadas, que na aldeia do Castelo Belinho habitariam cerca de três dezenas de pessoas.

Importa registar que as casas do Castelo Belinho foram sucessivamente ampliadas, refeitas e, em alguns casos, sobrepõem locais de construções mais antigas, sendo bem provável que todas cujas estruturas latentes detectámos não sejam contemporâneas. Também se identificaram numerosos buracos de poste a que não foi possível atribuir espaços edificadas. No entanto, as casas cujas evidências chegaram até nós delimitam área, que seria parcialmente fechada, constituindo espécie de grande pátio central e com forma subrectangular, medindo cerca de 300 m².

Ali reconhecemos numerosas estruturas negativas, designadamente empedrados, silos e fossas, de diferentes formas e dimensões, algumas com função funerária. Grande número dos silos e das fossas existentes naquele espaço encontram-se alinhados no sentido noroeste-sudeste, embora outro grupo, ao que parece partindo da mesma zona, esteja orientado no sentido nordeste-sudoeste. Estaremos perante aspecto conotado com preceito ou prática sócio-religiosa?

6. Empedrados

Zonas cobertas por pedras de pequenas dimensões, mais ou menos imbricadas, por vezes preenchendo fossas pouco profundas ou aproveitando anfractuosidades do substrato, com espessuras variável e mostrando sinais de exposição à acção do fogo (rubefacção e/ou fracturas térmicas), comumente denominados empedrados, correspondem a estruturas de combustão e a fumeiros.

Tais estruturas, já conhecidas durante o Paleolítico Superior, constituem indicador da presença de habitats ao ar livre dos primeiros tempos neolíticos.

No Castelo Belinho uma daquelas, com planta de forma subcircular, medindo 0,90 m de diâmetro, encontrava-se no espaço correspondente à zona central do interior da Casa 1 (est. 62), devendo ser sua

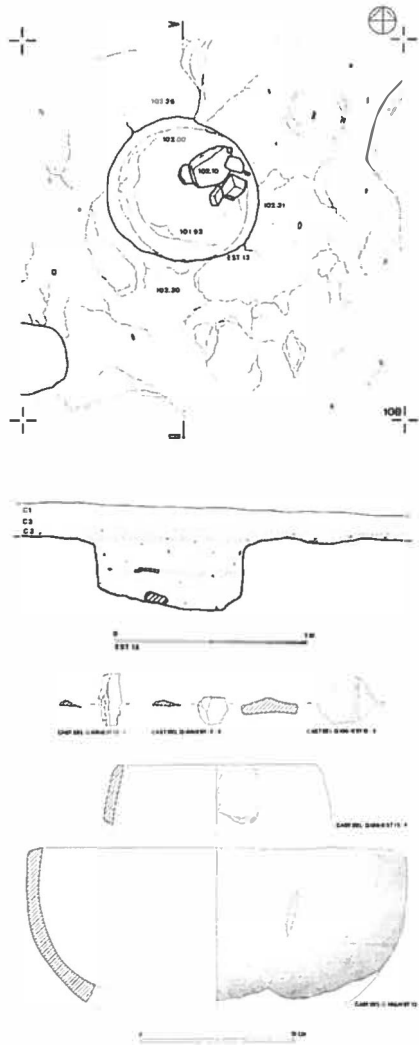


Fig. 6 Castelo Belinho. Estrutura 13 (fossa deposicional) e espólio nela exumado.

contemporânea. Ali se cozinharía (espólio mamalógico e malacológico) e desenvolver-se-iam outras diversas actividades de carácter económico, servindo o fogo para iluminar, aquecer, afastar alguns animais prejudiciais ao homem mas, sobretudo, constituindo elemento agregador dos habitantes da casa e meio de sociabilização.

Outro empedrado (est. 61), o de maiores dimensões que detectámos no Castelo Belinho, oferecia forma oval alongada, pedindo 2,10 m de comprimento e apenas 0,60 m de largura. Situava-se a sul da fachada principal da Casa 1, talvez frente à sua entrada. É bem possível que se trate de estrutura re-

lacionada com aquela unidade habitacional, construída ao ar livre e assim minimizando os perigos de incêndio, onde se cozinhasse mas também se fumasse, carne ou peixe. Na sua constituição encontrámos percutores/moventes e fragmentos de dormentes de mós manuais, ali usados como termoclastos (Fig. 5).

Um terceiro empedrado (est. 65) localiza-se entre as casas 4 e 1, próximo de buraco de poste, apresentando-se, no momento da nossa intervenção, algo desmantelado. Ocupava zona com forma sub-triangular, medindo 2,40 m de comprimento e 1,20 m de largura, em uma das extremidades.

Outro empedrado (est. 66), na zona sudeste do assentamento, apresentava planta com forma ovalada, medindo 2,90 m de comprimento e 1,20 m de largura, encontrando-se nas proximidades de buraco de poste. Na sua composição detectámos pedaços de elementos dormentes de mós manuais.

Tal como as restantes estruturas neolíticas que, porventura, existiram no Castelo Belinho, os empedrados foram muito afectados pela presença islâmica como pela lavoura em tempos subsequentes, pelo que o seu número deveria, primitivamente, ser superior ao dos exemplares agora descritos.

7. Silos e cisternas

Aquelas primeiras estruturas caracterizam-se por apresentarem forma de saco, embora outras, também subterrâneas, mas em forma de fossa, possam ter, igualmente, servido no armazenamento, a curto ou médio prazo, de cereais ou frutos secos, em meio anaeróbio. Algumas foram secundariamente usadas como depósito de oferendas ou sepulturas.

Grande estrutura negativa, provida de forma subcilíndrica, pode ter servido como silo ou como cisterna, o mesmo acontecendo com grande fossa hemisférica.

Aquela primeira (est. 34), mede 1,40 m de diâmetro e 2,10 m de profundidade, podendo conservar cerca de 3,1 m³ de água, mas também de cereais, ou seja, cerca de 2000 kg destes. Esta quantidade daria para alimentar 9 a 10 pessoas por ano, se cada uma consumisse cerca de 230 kg/ano. A área cultivada correspondente àquela quantidade de cereal, caso um hectare produzisse 750 kg, seria,

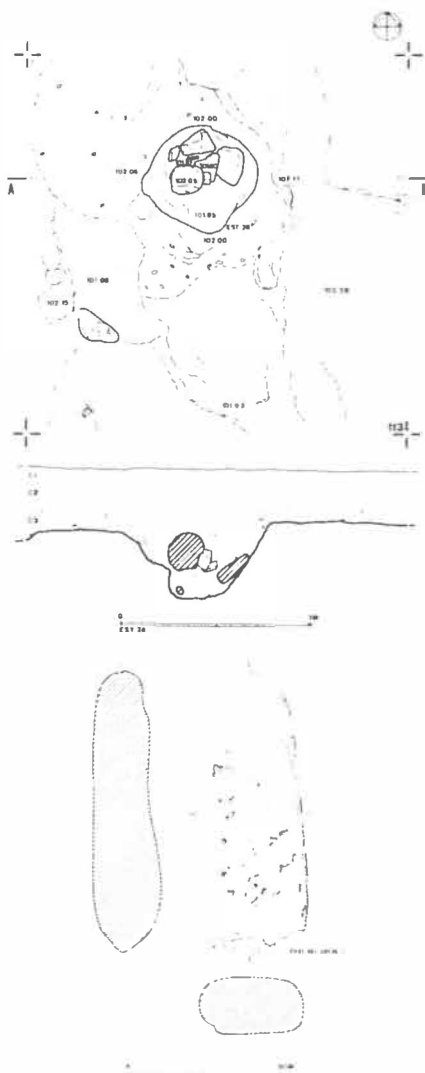


Fig. 7 Castelo Belinho. Estrutura 26 (fossa deposicional) e grande machado encontrado no fundo daquela.

aproximadamente, pouco mais de 2,5 hectares.

A fossa sub-hemisférica mede 2,40 m de diâmetro e cerca de 1 m de profundidade, na zona central. Ela aproveitou parcialmente concavidade natural, existente no substrato rochoso.

8. Fossas deposicionais

Algumas pequenas fossas podem ter servido como estruturas de combustão, mas também para armazenamento de alimentos, embora boa parte entregasse espólio (artefactos e ecofactos) que permite deduzir tratar-se de deposições intencionais, com carácter ritual. Todavia, também não podemos

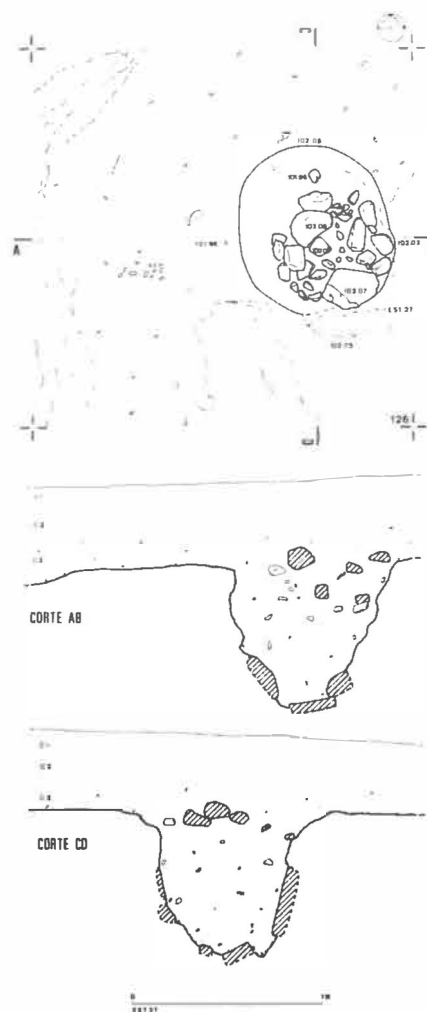


Fig. 8 Castelo Belinho. Estrutura 27 (fossa deposicional).

afastar a hipótese de que, em algumas de tais estruturas, tal utilização não corresponda à sua função primária.

Fossas mostrando contorno em forma de 8, com os dois círculos secantes iguais ou com um de menores dimensões, sugerem função originalmente ritual. Nestas últimas, o círculo menor, que confere inegável forma antropomórfica aos contornos encontra-se invariavelmente dirigido para norte (62,5%), nordeste (12,5%) ou noroeste (25%). Nas oito fossas deste tipo, seis delas (75%) integram a variante formal em que os círculos secantes oferecem diferentes dimensões.

G. Van der Leeuw (1938), embora para contexto diferente daquele em apreço, chamou às sepulturas com contorno em forma de 8, sepulturas com forma

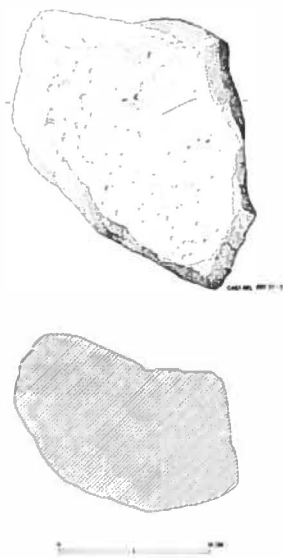


Fig. 9 Castelo Belinho. Estrutura 27. Espólio.

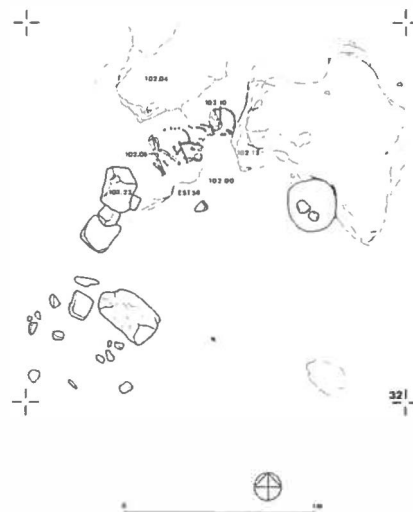


Fig. 10 Castelo Belinho. Estrutura 58 (sepultura de criança em anfractuosidade).

Quadro II Fossas em forma de 8, de viola ou de embrião (* continha restos humanos, pelo que foi considerada sepultura).

	forma	orient.	comp. (m)	larg. (m)	prof. (m)	líticos	cerâm.	fauna
Est. 6	8	N-S	1,20	0,65	0,25	•	•	•
Est. 14	8	N-S	1,20	0,85	0,35	•	•	•
Est. 15	8	NO-SE	1,20	0,70	0,40	•	•	
Est. 21*	8	N-S	0,85	0,76	0,35	•	•	
Est. 23	8	N-S	0,75	0,55	0,30		•	
Est. 35	8	NE-SO	1,05	0,75	0,37			
Est. 63	8	NO-SE	1,20	1,04	0,15			
Est. 64	8	N-S	1,12	0,80	0,25			

de embrião, atribuição não despendianda que, em termos simbólicos, se adapta às fossas vagamente antropomórficas do Castelo Belinho.

A estrutura 6 guardava, no fundo, movente e dormente de mó manual, com a superfície de trabalho voltada contra o solo, recordando aspecto reconhecido em “depósito votivo”, coberto por grande *tumulus*, do sítio do Padrão 9 (Vila do Bispo) (Gomes, 2008a).

Outra estrutura deposicional (est. 13) incluía pequenos artefactos líticos e fragmentos de cerâmica, enquanto quase à superfície ali foi colocada grande taça hemisférica, com as paredes engobadas de cor vermelha, e de que, devido a alterações de origem antrópica, se conserva apenas grande porção do bordo e do corpo (Fig. 6).

Grande machado, de grauvaque polido, com sinais de utilização no gume, foi depositado no fundo

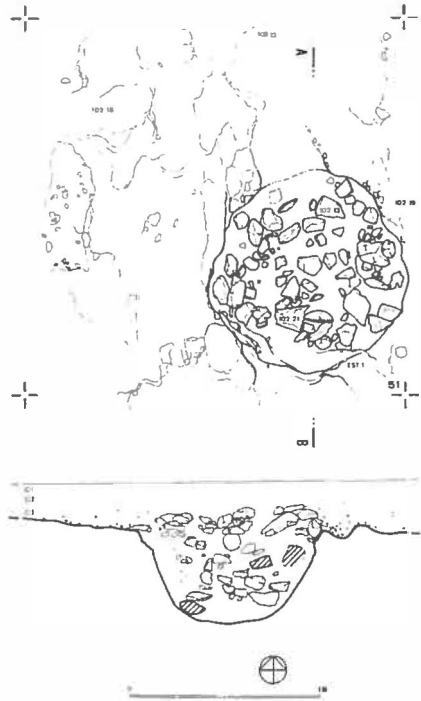


Fig. 11 Castelo Belinho. Estrutura 1 (sepultura em fossa, contendo fragmentos de ossos desarticulados de adulto).

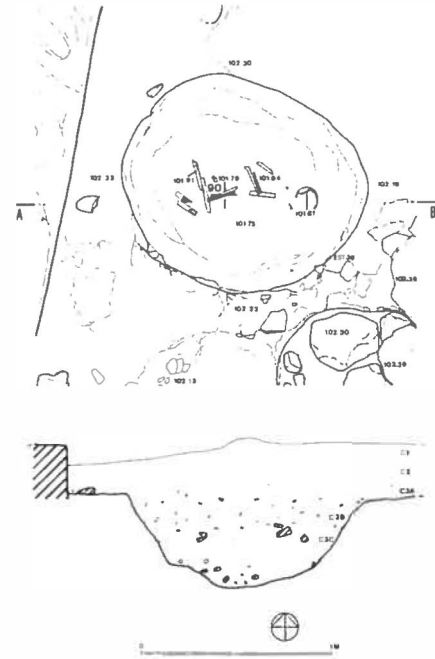


Fig. 13 Castelo Belinho. Estrutura 38 (sepultura, de adulto, em fossa).

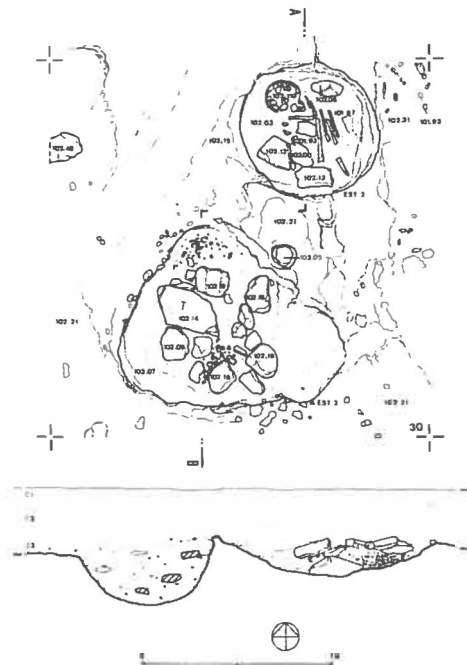


Fig. 12 Castelo Belinho. Estruturas 2 e 3 (sepulturas em fossa, de adulto e de criança, acompanhada por fossa deposicional).

de fossa (est. 26), com forma troncocónica, onde se encontrava com o gume dirigido para sudoeste e coberto por pedras (Fig. 7).

Grande enxó, igualmente afeiçãoada em grauvaque, jazia, com o gume dirigido para sudoeste, no fundo de fossa troncocónica (est. 27), cujas paredes foram em parte revestidas por pequenas lajes, onde era acompanhada por vários fragmentos de elementos dormentes de mós manuais, três moventes e polidor para machado ou enxós, com duas camadas (Figs. 8 e 9).

Fossa deposicional (est. 3), onde encontrámos dormite de mó sobre movente, fragmentos de recipientes de cerâmica, e diversificados restos de fauna malacológica (ostra, amêijoia, berbigão, lapa, mexilhão), tal como de mamíferos (*Capra e/ou Ovis*) é algo mais antiga, segundo datação de $14C$ (Sac-2030: 4904-4598 cal. A.C., para 2 Σ), do que a sepultura que lhe está próxima (est. 2), pelo que fica afastada a relação directa entre ambas estruturas.

9. Sepulturas

A nossa classificação de sepultura implica a existência de estrutura escavada no solo, nos sedimentos ou no substrato, contendo restos

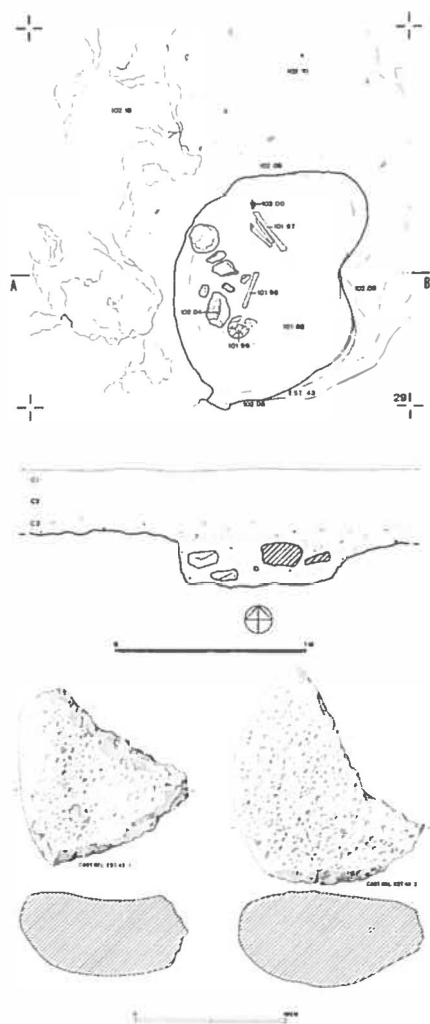


Fig. 14 Castelo Belinho. Estrutura 43 (sepultura, de adulto, em fossa) e fragmentos de dormentes de mós manuais nela encontrados.

humanos inumados com sinais de ritualização.

É possível que algumas estruturas investigadas, para além das agora assinaladas, tenham tido aquela mesma função, embora os restos antropológicos desaparecessem por completo, devido à acidez do solo, pelo que, por questões metodológicas, as não considerámos como sepulturas. Certas estruturas, idênticas às sepulturas contendo restos humanos, podem ter constituído cenotáfios ou túmulos simbólicos, bem conhecidos nas necrópoles dos primeiros tempos neolíticos, da Alemanha e França (Jeunesse, 1997, p. 62).

As catorze sepulturas detectadas no Castelo Belinho, oferecendo acentuado polimorfismo, encon-

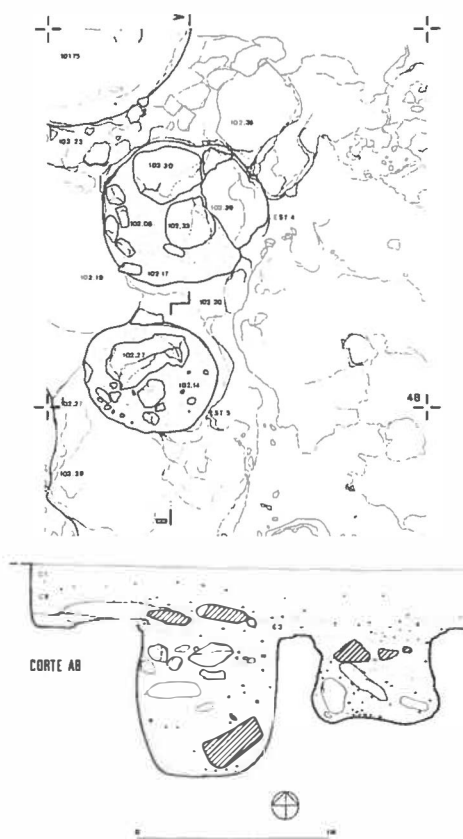


Fig. 15 Castelo Belinho. Estruturas 4 e 5 (sepultura de adulto, em silo) e silo anexo.

travam-se dispersas pela zona central do habitat, a par de outras estruturas negativas, embora fossem mais numerosas no seu quadrante sudoeste e sobretudo na área poente deste.

As determinações da idade e do sexo, que se apresentam, devem-se ao Dr. Luís Campos Paulo e à Dr.^a Nathalie Antunes Ferreira, que em diferentes fases, integraram o projecto de estudo dos restos antropológicos do Castelo Belinho.

Duas sepulturas possuíam câmaras em forma de fossa, com perímetro subrectangular ou oval alongado, pouco profundas (ests 58 e 59), aproveitando anfractuosidades do substrato e sendo delimitadas por algumas pedras. Blocos de pequenas dimensões e terra cobriam os corpos. Devido à pouca profundidade estes testemunhos encontravam-se muito danificados, embora em uma das fossas (est. 58) tenhamos identificado restos osteológicos de criança, depositada em *decubitus*

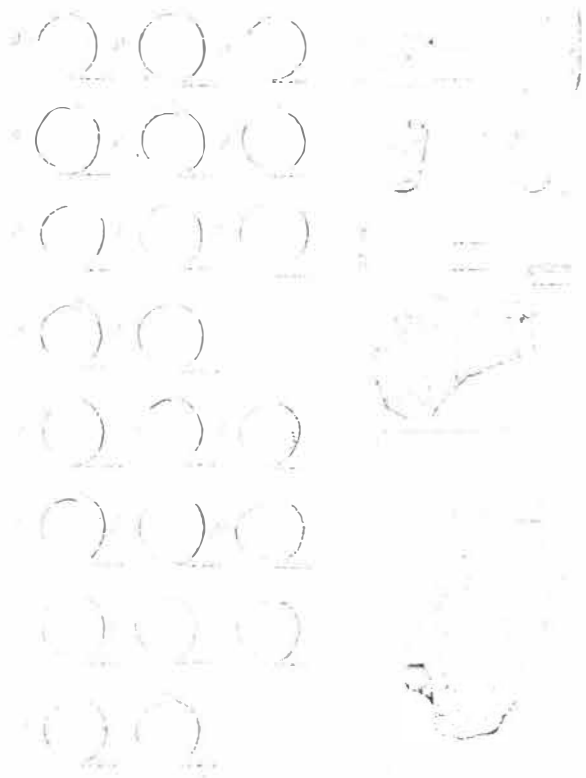


Fig. 16 Castelo Belinho. Espólio da estrutura 4. As braceletes encontravam-se nos antebraços do indivíduo ali inumado.

lateral e em posição fetal, com 5 a 7 anos de idade, orientados no sentido nordeste-sudoeste (Fig. 10). A outra (est. 59) guardava restos de dois indivíduos, um com cerca de oito anos de idade e o outro com mais de vinte, embora estivesse muitíssimo destruída e sobre ela tenha assentado muro de pedra, do século XVII. As datações absolutas obtidas pelo método do radiocarbono (AMS) para os restos dos dois indivíduos indicam que a criança é mais antiga que o indivíduo adulto, embora estatisticamente possam ser contemporâneos. A investigação do ADN de ambos, a decorrer, pode vir a indicar relação de consanguinidade (cf. Quadro III).

Nas duas estruturas acima referidas não foi exumado qualquer outro espólio.

Um tipo de câmara funerária diferente, o mais numeroso, oferece forma hemisférica ou aproximada daquela (ests 1, 2, 13, 38, 45, 52), com boca sub-

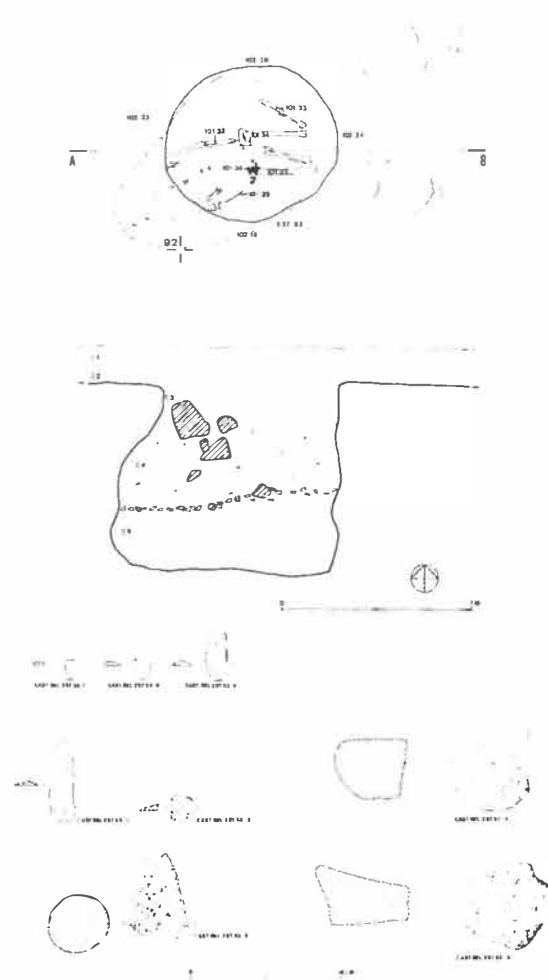


Fig. 17 Castelo Belinho. Estrutura 53 (sepulturas, de adulto, em silo) e espólio nela encontrado.

circular e fundo côncavo, mostrando diâmetros que oscilam entre 0,70 m/0,80 m e 1,30 m, não sendo muito profundas (de 0,40 m a 0,50 m) (Figs. 11, 12 e 13).

Constitui exceção a pequena sepultura hemisférica (est. 45), medindo apenas 0,45 m de diâmetro e 0,20 m de profundidade, que conservava restos de indivíduo adulto, com mais de vinte anos de idade. Trata-se, muito provavelmente, de deposição secundária e, portanto, de ossário, dada a impossibilidade física de inumar um adulto em espaço tão exiguo.

Sepultura hemisférica (est. 13), além de conter restos osteológicos de indivíduo de idade e sexo indeterminados, entregou artefactos líticos, cerâmicas e restos de fauna. A estrutura 38, com a mesma

Quadro III Sepulturas. Síntese morfológica, espólios e cronologias absolutas (tradicionais e AMS) (as medidas apresentadas são em metros).

	local.	forma	Ø boca	prof.	antrop.	líticos	cerâm.	concha	fauna	sexo	idade	datação 14C BP	14C calib. 2σ	
EST.1	Q51	hemisf.	1,05	0,50	*	*	*		*	?	+20	5790±70	4442-4044 (Sac 2031)	
												5267±34	4230-3986 (Wk-28634)	
EST.2	Q30	hemisf.	0,70	0,35	*						?	6-8	5500±40	4450-4262 (Beta 199912)
												+20	5720±40	4685-4462 (Beta 199913)
EST.4	Q48	siló	0,90	0,90	*	*	*	*	*	?	+35			
EST.5	Q48	siló	0,70	0,50	*	*				?	?			
EST.13	Q108	hemisf.	0,80	0,40	*	*	*		*	?	?			
EST.18	Q146	cilíndrica	0,70	0,35	*	*	*			?	?			
EST.21	Q104	cilíndrica	0,85	0,35	*	*	*			?	?			
EST.38	Q47	hemisf.	1,30	0,50	*	*				?	+20	5441±34	4348-4242 (Wk-28635)	
EST.43	Q29	cilíndrica	1,20	0,30	*	*				M	+20	5529±35	4450-4334 (Wk-28636)	
EST.45	Q96	hemisf.	0,40	0,20	*	*				?	+20			
EST.52	Q74	hemisf.	1,30	0,45	*	*		*		M	+20	5444±30	4348-4249 (Wk-27999)	
EST.53	Q93	siló	0,90	1,00	*	*	*			M	+20	5662±32	4582-4374 (Wk-28000)	
EST.58	Q32	fossa	0,65	0,25	*					?	5-7	5485±35	4445-4259 (Wk-28637)	
EST.59	Q15	fossa	0,60	0,25	*						?	±8	5436±32	4450-4338 (Wk-28002)
												+20	5436±32	4345-4240 (Wk-28001)

morfologia, continha restos de adulto, depositado em *decubitus* lateral e em posição fetal, tal como três pequenos artefactos líticos (furador, lamela e raspadeira).

Outra sepultura (est. 52), do tipo referido, guardava testemunhos de adulto, do sexo masculino, acompanhados por peças líticas (lamela de dorso abatido e lamela com ambos bordos retocados) e pendente de concha (*Glycymeris glycymeris*, *Linnaeus*, 1758). Dois pendentes semelhantes provêm da maior das casas (Casa 1) identificadas nesta jazida.

Estrutura negativa hemisférica (est. 1), medindo 1,05 m de diâmetro e 0,50 m de profundidade, continha, à mistura com terra, artefactos líticos (dormentes e moventes de mós), fragmentos de vasos de cerâmica, tal como restos antropológicos dispersos e muito fragmentados de indivíduo adulto, designadamente do crânio.

Oferecem forma cilíndrica, não podendo ser classificadas como silos, devido à pouca profundidade que apresentam, três sepulturas (ests 18, 21, 43) (Fig. 14).

Os seus diâmetros, na boca, variam entre 0,70 m e 1,20 m, enquanto as profundidades oscilam apenas de 0,30 m a 0,35 m.

Duas daquelas (ests 18, 21), continham, além de restos antropológicos, materiais líticos (lâmina e lamela denticulada) e cerâmicas, enquanto uma guardava apenas líticos (est. 43). Nesta, o indivíduo inumado, em *decubitus* lateral e em posição fetal, jazia com a cabeça dirigida para sul, junto a fragmento de elemento dormente de mó manual.

Por fim, a quarta forma corresponde a duas sepulturas em silo (ests 4 e 53), propositadamente abertas para o efeito ou reutilizando estruturas subterrâneas cuja função primária se destinaria, de facto, ao armazenamento de cereais. Os diâmetros, na boca, medem em ambas 0,90 m, oferecendo profundidades de 0,90 m e 1,00 m, mas sendo mais largas na base.

Nas inumações em silos, os restos osteológicos humanos jaziam no fundo, em um caso na posição fetal e no outro com os membros inferiores dobrados para trás. Estas sepulturas são as que maior quantidade de espólio entregaram.

Na estrutura 4, além de três lascas e de lâmina, de sílex, de dois percutores, de dois dormentes e de fragmentos de recipientes de cerâmica, pertencentes a taças e a esféricos, surgiram vinte e duas braceletes de *Glycymeris bimaculata* (Poli, 1795), onze em cada antebraço do indivíduo ali inumado, que ofereceu a datação mais antiga da necrópole (cf. Quadro III) (Figs. 15 e 16).

Aquele teria mais de 35 anos, mas não foi possível determinar o sexo. Importa ainda referir a cor avermelhada dos sedimentos que o cobriam, parecendo dever-se à utilização ritual de ocre, tal como a presença de alguns restos de fauna.

A estrutura 53, além do espólio antropológico de indivíduo, do sexo masculino e possuindo idade superior a 20 anos, continha duas lâminas, duas lamelas e lasca de sílex, assim como fragmento de machado de pedra picotada/polida, percutor-movente e dormente de mó, que acompanhavam dois pequenos fragmentos de cerâmica (Fig. 17).

Nas catorze estruturas onde foram identificados espólios humanos, duas delas continham testemunhos pertencentes a dois indivíduos. Em ambos casos (ests 2 e 59), os restos de uma criança com cerca de oito anos, eram acompanhados pelos de um adulto, com mais de vinte anos.

Apenas uma outra sepultura (est. 58) conservava testemunhos de criança, com cinco a sete anos de idade, tendo-se identificado sete que guardavam ossos de adultos, com mais de vinte anos e uma outra contendo indivíduo com mais de trinta e cinco anos, não tendo sido possível determinar a idade daqueles a que pertenciam os restos osteológicos procedentes de quatro sepulturas (ests 5, 13, 18, 21).

A diagnose sexual foi determinada apenas em três adultos, com mais de vinte anos, das estruturas 43, 52 e 53, correspondendo todos a indivíduos do sexo masculino.

Não se observaram patologias infecciosas ou traumáticas graves, que pudessem ter conduzido à morte. Detectaram-se algumas cáries dentárias (ests 4, 43), periostite muito ligeira em tibia (est. 53) e raras hipoplasias lineares do esmalte dentário, indicando estas algumas deficiências alimentares.

A amostragem antropológica disponível, com todas as limitações que lhe estão inerentes, indica

não haver especial incidência na morte de crianças, apesar de termos identificado três casos com idades compreendidas entre os cinco e os oito anos, a par de nove adultos, entre os quais se encontra um ancião, para a época, com mais de trinta e cinco anos.

Os valores isotópicos do $\delta^{13}\text{C}$, inferiores a -20/-21‰, indicam dieta predominantemente constituída por proteínas terrestres (> 95%). Por outro lado, os valores do $\delta^{15}\text{N}$, situados entre 5‰ e 12‰, apontam também para o consumo maioritário de proteínas terrestres. Podemos pois considerar, cruzando os dados obtidos, que os habitantes neolíticos do Castelo Belinho não consumiam mais de 20% de alimentos com procedência marinha. A escassez de restos osteológicos de mamíferos ou de aves, contrariamente aos de fauna malacológica, permitem deduzir que aqueles detinham economia de produção alimentar, baseada na pastorícia e, sobretudo, na agricultura de cereais, para a qual contribuíam grande parte das estruturas e dos artefactos recuperados (silos, mós, elementos de foice e de trilhos, grandes machados e enxós).

10. Conclusões preliminares

A estratégia de implantação da aldeia do Castelo Belinho, em local alto, com algumas defesas naturais, de onde era possível controlar vasto território envolvente, rodeado por terras pesadas mas produtivas e não longe da costa, onde se podia ir e voltar no mesmo dia, revela modelo económico, social e ideológico, até agora desconhecido, para a segunda metade do V milénio A.C., no Sul de Portugal.

Recolheram-se artefactos de pedra lascada, produzidos com sílex, de diferentes proveniências, ou, raramente, de quartzito (núcleos, armaduras trapezoidais, raspadeiras, furadores, denticulados, elementos de foice ou de trilhos, lâminas, etc...), de pedra picotada/polida, afeiçoados em anfibolito, grauvaque e sienito (machados, enxós, percutores, elementos dormentes e moventes de mós manuais, polidores de machados, etc...), fragmentos de recipientes de cerâmica, indicam diversas formas, mas onde predominam as taças em calote e os potes, alguns dos quais com decoração, impressa, incisa, plástica ou engobe de cor vermelha,

por vezes associando mais do que uma de tais técnicas ornamentais, tal como objectos de concha (pendentes, contas, alfinete), a par de restos de fauna, mamalógica, ornitológica ou malacológica, e de flora encarbonizada.

Grandes machados e enxós, com evidentes sinais de utilização, numerosos elementos de foice e possivelmente de trilhos, abundantes dormentes e moventes de mós manuais, vasos de provisões e silos, evidenciam sociedade perfeitamente sedentária, possuindo forte economia agrícola e, nomeadamente, a grande importância da cultura de cereais, que se conservariam, a médio ou a longo termo, em estruturas subterrâneas.

Machados e enxós, de pequenas dimensões (0,03 m a 0,06 m) tidos por alguns autores como votivos, classificação a que já H. Lhote (1952, p. 524) se havia oposto, seriam artefactos plurifuncionais que serviriam em tarefas delicadas, como escavar pequenas cavidades, designadamente nos trabalhos de carpintaria. Peças semelhantes provêm da Gruta de Ibn Amar, a cerca de 5 km para sudeste do Castelo Belinho ou dos povoados da Caramujeira e Areia das Almas, ambos no vizinho concelho de Lagoa (Gomes *et alii*, 1995, pp. 38, 39, 70, 76, 78).

O fragmento de polidor de machados ou enxós, com duas camas, procedente da estrutura 27, e peça análoga encontrada na Casa 1 (Q160), constituem artefactos pouco comuns nos contextos neolíticos. Não obstante, conhecemos polidor, também com duas camas ovais, identificado no povoado do Carrascal (Oeiras), situado cerca de 3 km do estuário do Tejo e datado do Neolítico Antigo (Cardoso, 2010, pp. 26, 42, fig. 10-8). Outro polidor, ainda com duas camas, provém da anta II de Fernão Vaz (Ourique), a cerca de 1 km para norte do rio Mira, tendo sido encontrado junto da entrada do monumento. Aproveita bloco lajiforme de arenito e pode, dado a presença de afiador, também de arenito, e de três machados e de duas enxós, de pedra polida, indicar a existência de artífice especializado na produção daqueles artefactos, conforme foi deduzido pelos escavadores do sepulcro mencionado (Beirão e Silva, 1978, pp. 34-37, ests V e VI).

Alguns restos osteológicos, de ovino-caprinos e de bovinos, indicam a criação de gado, complemen-

tando economia de produção perfeitamente consolidada, de população cuja dieta diversificava-se com variadas espécies de moluscos marinhos, recolhidos nas zonas lagunares e estuarinas próximas ou na costa oceânica, mas baseada no consumo de cereais, conforme anteriormente referimos.

Ainda hoje se desconhece, com exactidão, a origem da arquitectura doméstica de madeira, das primeiras comunidades neolíticas da Europa de Leste e Central, conhecidas como casas longas e cuja existência A. Whittle (1985, p. 231) quis explicar, para a França e Ilhas Britânicas, em possível tradição derivada dos concheiros mesolíticos, com forma alongada.

Aquele tipo de edificações, desconhecido na Península Ibérica à excepção de caso isolado da Catalunha (La Draga), até à descoberta das estruturas latentes do Castelo Belinho e de outras na mesma região do Algarve (Vau, Portimão), pode dever-se a influxos exógenos, provindos da Europa Central, tanto através do Mediterrâneo como do Atlântico.

Apesar da grande coesão social e identidade mostrada pela estrutura da aldeia, com as suas casas longas, onde se pode presumir que o espaço seria repartido por diferentes membros de uma mesma família, designadamente a partir do género, como parece revelar o estudo da distribuição do espólio da Casa 1, a diferenciação social e a hierarquia encontram-se patentes na diversidade das áreas das casas, como pelas formas e dimensões das sepulturas.

Os silos não se encontravam associados a casas específicas e alguns, com maiores dimensões, poderiam ser de uso colectivo, tal como os depósitos de água, reflectindo forte cooperação entre os habitantes da aldeia, talvez integrando modelo comunitário, unindo os diferentes membros das famílias existentes.

As sepulturas detectadas no Castelo Belinho integraram claramente o espaço habitacional, denunciado por numerosos buracos de poste, correspondendo às casas longas, mas também por empedrados, silos e espólio característico, aspecto com grande impacto simbólico.

Podemos ser mais assertivos ao reconhecermos que algumas sepulturas estariam mesmo situadas

sob o espaço de casas ou que então estas teriam desaparecido aquando daquela utilização. No entanto, a maioria ocupava grande espaço delimitado por casas, talvez de uso comunitário e onde também encontramos muitas outras estruturas negativas (fossas deposicionais, silos).

A coexistência de espaços habitacionais e de sepulturas remonta, no actual território português, ao Mesolítico, conforme ilustra a convivência de tais estruturas na Moita do Sebastião (Muge) ou na Samouqueira (Sines), demonstrando solidariedades e laços de consanguinidade.

Naquele primeiro concheiro identificou-se cabana e do seu lado nascente necrópole de adultos, enquanto, no lado oposto existiu necrópole de crianças, junto a estruturas ligadas às actividades económicas, como silos e empedrados ou fumeiros, semelhantes aos do Castelo Belinho.

Bem mais tarde, durante a Idade do Bronze Médio encontramos, no Sul de Portugal, pequenos habitats muito próximos das necrópoles, aspecto ilustrado no Pessegueiro (Sines) ou no Vale da Telha (Aljezur), apresentando continuidades e recorrências diversas ao longo dos tempos e que se devem, sobretudo, ao desempenho ou à participação dos restos dos antepassados nas actividades sócio-religiosas daquelas sociedades.

No Castelo Belinho, a inumação individual, na posição contraída, em estrutura negativa, aberta nos sedimentos ou no substrato, com a forma de fossa ou de silo, apesar do evidente polimorfismo de tais espaços, corresponde a aspecto ritual comum a todas as sepulturas identificadas.

Embora a posição dos corpos, cujos restos osteológicos estudámos, seja semelhante, observando-se a solução contraída ou fetal, em *decubitus* lateral, pelo menos um caso constitui excepção (est. 53), dado o corpo ter sido depositado em *decubitus* dorsal, com as pernas dobradas para trás.

Também a orientação dos corpos não demonstra obedecer a normas, dado que nos seis casos em que foi possível determinar este aspecto reconheceu-se não haver direcção preponderante, apesar de dois deles terem a cabeça dirigida para nascente e os pés para poente.

Foi prática comum a cobertura dos corpos e o

preenchimento dos espaços funerários com terra, em pelo menos um caso contendo ocre vermelho, sendo aqueles selados por camada de pedras imbricadas, que poderiam constituir um muito pequeno *tumulus*. A maior parte destes não chegaram até à nossa intervenção, devido às ocupações e utilizações posteriores do sítio. A presença islâmica foi responsável pelo nivelamento do terreno, destruindo algumas de tais estruturas, mas também ajudou a conservar outras através de massa regularizadora do solo, constituída por pequenas pedras, terra e cal que, em certas zonas, as cobriu.

No espólio funerário é quase constante a presença de fragmentos de dormentes de mós, mas também de moventes, aspecto cuja simbologia, ligada ao ciclo morte-ressurreição, como à economia agrícola não pode passar despercebido e que já tínhamos detectado, no Sul de Portugal, relacionado com a erecção de menires e de *tumuli* (Gomes, 1997, p. 185; 1997a, p. 32; 2008a, pp. 92-94). De facto, tais utensílios, concebidos para responderem a actividade simbólica, ainda nos finais do Paleolítico Superior e sobretudo durante o Mesolítico, onde foram utilizados na moagem de pigmentos e depois de frutos e/ou de cereais selvagens, assumiram, durante o Neolítico, importância primordial, na farinhação de cereais domésticos, permitindo melhorar o seu consumo pelas sociedades humanas.

Eles devem, então, ter passado a simbolizar a abundância agrícola e a fertilidade da terra cultivada, integrando práticas religiosas, unindo as vertentes económica e sagrada, sendo ritualmente inutilizados. E é ainda, muito possivelmente, naquele mesmo contexto semiológico que surgem nas sepulturas outros artefactos, como as lascas e lamelas, que podem ter pertencido a foices e trilhos, os pedaços de machados ou de enxós e as cerâmicas, normalmente fragmentos, devendo, muitos deles, constituir a parte representativa do todo.

Algumas pequenas lascas, esquirolas e até fragmentos de cerâmica, com dimensões diminutas e aspecto rolado, sugerem a utilização de terra do povoado, ou do solo das casas nas estruturas funerárias, ocorrência que no presente contexto pode reflectir apenas aspecto prático, mas que continuará a surgir em tempos posteriores,

denunciando carácter eminentemente simbólico, de âmbito sócio-religioso.

Terras contendo fragmentos de artefactos, provenientes de zonas de habitat e que foram utilizadas em *tumuli* ou no preenchimento de câmaras funerárias, como as encontradas nas sepulturas do Castelo Belinho, traduzem aspecto ritual que detectamos em outros contextos neolíticos mais tardios como da Idade do Bronze, do Sul de Portugal (Silva e Soares, 1981, pp. 159-164; 1983, pp. 84, 85; Gomes, 1994, p. 84; 2008a, pp. 94, 95).

As vinte e duas braceletes de *Glycymeris bimaculata* (Poli, 1795), onze ostentadas em cada antebraço, preenchendo-os, que acompanhavam indivíduo desta necrópole, cuja idade é a mais elevada daqueles em que foi possível determiná-la, um anúncio para a época em que viveu, constituem caso excepcional, em toda a Pré-História peninsular.

Aqueles adornos, cuidadosamente cortados e polidos, não evidenciam sinais de uso, estando elaborados sobre valvas de espécie que não seria difícil de obter, embora própria da zona infralitoral (até 24 m de profundidade), onde vive enterrada na areia ou na vasa arenosa, das costas do Sul de Portugal, tal como de todo o Mediterrâneo.

Recordemos que, em todo o território nacional e abrangendo periodização do Neolítico ao Calcolítico, se conhecem somente cerca de duas dezenas de braceletes afins, mas em geral bem mais pequenas e estreitas. As braceletes de *Glycymeris* encontradas em outros arqueossítios do Algarve circunscrevem-se aos exemplares procedentes da gruta de Ibn Amar (Lagoa) e da sepultura tardo-neolítica do Cerro das Cabeças (Silves), por nós escavada (Gomes e Paulo, 2003, pp. 100-102).

As braceletes do Castelo Belinho constituem conjunto raro, de sofisticados bens de prestígio, que fazem recordar as séries de peças semelhantes, atadas em camadas, produzidas em certas ilhas do Pacífico e Nova Guiné, onde têm alto valor simbólico e económico, chegando a serem considerados os objectos com maior apreço, apesar do seu pouco uso prático (Malinowski, 1975, p. 99; Harrison, 1992, p. 237). Elas denunciam estreita ligação que tais populações mantêm com o mar, não tanto ao nível da sua subsistência mas antes das relações com os

mitos que a explicam.

É naquele quadro, dos objectos socialmente valorizados, que devemos integrar os restantes adornos de concha do Castelo Belinho (pendentes, contas e alfinete).

Na extremidade oposta, da escala da importância do espólio funerário, embora segundo perspectiva que tem muito de hodierno, encontram-se as três sepulturas desprovidas de quaisquer vestígios de artefactos (ests 2, 58, 59), correspondendo todas as inumações de crianças, embora em dois casos (ests 2 e 59), acompanhadas por alguns ossos de adultos.

Não obstante, importa não excluir liminarmente a hipótese de se terem constituído espólios funerários, que acompanhassem inumações, com artefactos construídos em materiais perecíveis, designadamente peles, fibras vegetais ou madeira, não pervivendo os seus testemunhos.

Todavia, os casos extremos acima indicados, e todos os outros que preenchem aqueles limites, indicam, de modo claro, muito significativa diferenciação dos estatutos sociais, espelhados na necropolização ou no ritual que a acompanha, nomeadamente no tipo de sepultura e espólio funerário. De facto, as três sepulturas infantis mencionadas, encontravam-se na zona sul do povoado, onde não existiam silos.

A reutilização de silos como sepulturas remetem-nos, uma vez mais, para significado conotado com a economia agrícola, mas ainda para estrutura negativa cuja forma reproduz a do ovo cosmogónico, ligado àquela e ao (re)nascimento dos corpos, em que então se acreditaria, dada a utilização do próprio ritual de inumação, como a opção pela posição fetal dos mortos. O ovo traduz a ideia de continuidade, por excelência, e trata-se, segundo M. Eliade, de uma "*epifania da criação*" (1977, pp. 489, 490). Os enterramentos em estruturas com forma de ovo teriam conotação uterina e repetiam simbolicamente a acção de plantar uma semente na terra, esperando-se a emergência de uma nova vida (Gimbutas, 1989, p. 151).

Não se conhece, no Extremo Sudoeste Peninsular, outra necrópole dos primórdios do Neolítico, embora sepultura, com morfologia e

provavelmente com cronologia idêntica às do Castelo Belinho tenha sido estudada no sítio das Atafonas (Torre de Coelheiros, Évora). Trata-se de fossa, escavada no substrato, que continha restos de quatro indivíduos, sem outro espólio e a que, mais tarde, se associaram duas outras fossas, estruturadas por anéis líticos (Albergaria, 2007, pp. 6, 16).

O tipo de destino dado aos mortos pela sociedade instalada no sítio do Castelo Belinho, talvez não a todos os mortos, corresponde a tempo onde a visibilidade das sepulturas, mesmo daqueles com reconhecidamente maior estatuto social, não traduzia ainda uma necessidade de carácter social. O simbolismo que aquelas transmitiam teria carácter privado, no círculo familiar e da comunidade onde viveram, evidenciando fortes laços de solidariedade social.

As edificações, que assinalavam a existência do povoado e da área por ele controlada, designadamente de captação de recursos e o principal meio de produção, os campos arroteados, eram as casas longas, algumas talvez destinadas ao culto, edificadas em madeira e demonstrando alto domínio da carpintaria, estruturas que na Europa Central desapareceriam em cerca de 4000 a.C. (Brophy, 2007, p. 94; Gomes, 2008). Os primeiros túmulos dolmênicos, ou proto-megalíticos, irão surgir no Sul de Portugal, em torno de 4500 a.C., constituindo marcadores de diferente estratégia sócio-económica e reflectindo outra ideologia.

Os testemunhos proporcionados pelo arqueossítio neolítico do Castelo Belinho contradizem o modelo mais recorrente que explica a neolitização do Sudoeste Peninsular. Neste a adopção da economia de produção, baseada na agricultura e pastorícia, era concebida como fenómeno lento, relacionado com a introdução de inovações nas sociedades com economia predadora, designadamente no interface costeiro, onde a fácil recollecção de moluscos, estuarinos e marinhos, ou de outros recursos, perviveria até datas tardias (Silva e Soares, 1981). Bem pelo contrário, a comunidade do Castelo Belinho revela sedentarização, tal como vida económica e social estável, possuindo espaços colectivos e outros talvez repartidos, por diferentes famílias. Esta

organização, interacção e laços de solidariedade permitem que consideremos a existência de aldeia.

Bibliografia

- ALBERGARIA, J. (2007) – O sítio neolítico das Atafonas (Torre de Coelheiros, Évora), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 10(1), pp. 5-35.
- BEIRÃO, C. M. de M.; SILVA, C. T. da (1978) – O monumento megalítico II de Fernão Vaz (Ourique), *Setúbal Arqueológica*, vol. IV, pp. 29-46.
- BROPHY, K. (2007) – From big houses to cult houses: Early Neolithic timber halls in Scotland, *Proceedings of the Prehistoric Society*, vol. 73, pp. 75-96.
- CARDOSO, J. L. (2005) – O Neolítico Antigo da Baixa Estremadura: as investigações dos últimos cinco anos, *Os Últimos Caçadores-Recolectores e as Primeiras Comunidades Produtoras do Sul da Península Ibérica e do Norte de Marrocos*, pp. 23-48, Universidade do Algarve, Faro.
- CASSELBERRY, S. E. (1974) – Further refinement of formulae for determining population from floor area, *World Archaeology*, vol. 6, pp. 117-122.
- COOK, S. F.; HEIZER, R. F. (1968) – Relationships among houses, settlement areas and population in aboriginal California, *Settlement Archaeology*, Palo Alto.
- COUDART, A. (1998) – *Architecture et Société Néolithique. L'Unité et la Variance de la Maison Danubienne*, Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, Paris.
- ELIADE, M. (1977) – *Tratado de História das Religiões*, Edições Cosmos, Lisboa.
- GIMBUTAS, M. (1989) – *The Language of the Goddess*, Thames and Hudson, Londres.
- GOMES, M. V. (1994) – O sepulcro colectivo de Pedra Escorregadia (Vila do Bispo, Faro) – Notícia da escavação de 1991, *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, pp. 79-91, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- GOMES, M. V. (1997) – Megalitismo do Barlavento Algarvio – Breve Síntese, *Setúbal Arqueológica*, vols 11-12, pp. 147-190.
- GOMES, M. V. (1997a) – Cromleque dos Almendres. Um dos primeiros grandes monumentos públicos da Humanidade, *Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora*, pp. 25-34, Câmara Municipal de Évora, Évora.
- GOMES, M. V. (2008) – Castelo Belinho (Algarve, Portugal) and the first Southwest Iberian Villages, *The Early Neolithic in the Iberian Peninsula. Regional and Transregional Components*, pp. 71-78, British Archaeological Reports, Oxford.
- GOMES, M. V. (2008a) – Padrão 9 (Vila do Bispo). Um monumento singular do Barlavento Algarvio, *Xelb*, vol 8 (1), pp. 75-102.
- GOMES, M. V. (2010) – Castelo Belinho (Algarve): a ritualização funerária em meados do V milénio A.C., *Os Últimos Caçadores-Recolectores e as Primeiras Comunidades Produtoras do Sul da Península Ibérica e do Norte de Marrocos*, pp. 69-79, Universidade do Algarve, Faro.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L.; ALVES, F. J. S. (1995) – *Levantamento Arqueológico do Algarve. Concelho de Lagoa*, Câmara Municipal de Lagoa, Lagoa.
- GOMES, M. V.; PAULO, L. C. (2003) – Sepultura neolítica do Cerro das Cabeças (Enxerim, Silves, Algarve), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 6 (2), pp. 83-107.
- HARRISSON, S. (1992) – Ritual as intellectual property, *Man*, new series, vol. 27(2), pp. 225-244.
- JEUNESSE, C. (1997) – *Pratiques Funéraires au Néolithique Ancien. Sépultures et Nécropoles Danubiennes 5500-4900 av. J.C.*, Éditions Errance, Paris.
- LARSSON, M. (1985) – *The Early Neolithic Funnel-Beaker Culture in South-West Scania, Sweden, Social and Economic Change 3000-2500 B.C.*, British Archaeological Reports, International Series 264, Oxford.
- LHOTE, H. (1952) – *Au sujet des haches polies de petites dimensions*, *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, tomo XLIX (10), pp. 524-528.
- MALINOWSKI, B. (1975) – *Los Argonautas del Pacífico Occidental*, Ediciones Peninsula, Barcelona.
- MARTINS, A. P.; CASTRO, C. de; TORRES, F. (1961) – Zona 6, *Arquitectura Popular em Portugal*, vol. 2, pp. 241-359, Sindicato Nacional dos Arquitectos, Lisboa.
- NAROLL, R. (1962) – Floor area and settlement pattern, *American Antiquity*, nº 27, pp. 587-589.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J. (1981) – *Pré-História da Área de Sines – Trabalhos Arqueológicos de 1972-77*, Gabinete da Área de Sines, Lisboa.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J. (1983) – Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo Litoral. A sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém), *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 1, pp. 63-87.
- VAN DER LEEUW, G. (1938) – Das Sogenannte Hockerbegräbniss und der ägyptische tjknw, *Studi e Materiali di Storia delle Religioni* (Roma), vol. 14, pp. 150-167.
- WHITTLE, A. (1985) – *Neolithic Europe. A Survey*, Cambridge University Press, Cambridge.



Arqueologia & História